

Uma exposição de António Carmo é sempre um convite para regenerar o nosso espírito exilado da poesia pelo gigantismo tecnológico.

O cromatismo, a iconicidade e riqueza vocabular da sua pintura, animada de uma real qualidade de criação, é um combate em defesa da poesia. Pintura intensa e mágica, possuída de sortilégio e de reflexões subtis, disciplinada na sua experiência formal e muito própria. António Carmo é um pintor-poeta, um cronista do imaginário, vivendo a visão livre da sua figuração psicológica, inebriada por um clima ameno de luz e sonho, celebrando um amor inocente por uma natureza em liberdade, como num certo modo de espiritualidade ou de vida interiorizada, voltada para a integridade do ser existencial.

A sua pintura, onde o ritmo é um elemento estilístico, afirma a autonomia da cor, de uma importância fundamental.

Uma pintura da imediatez do gesto, da apreensão do espaço e da tenuidade do existir, criando um outro modo de educação do olhar. A arte de António Carmo, extraordinariamente sensível na fluidez da linguagem das formas, na vigorosa materialidade da cor, na força e no encanto da sua evasão e do seu êxtase, é uma fascinante aventura espiritual e técnica.

A cor é tratada como um jogo, em sucessões de ritmos intensos e tenazes que ecoam no olhar e na memória dum inconsciente esquecido, mas latente em todos nós.

As suas obras, são pois materialização de anseios e de sonhos, notas de realce, na Pintura Portuguesa Contemporânea.

A devoção e o profissionalismo, a continuidade e o empenho que António Carmo nos transmite nas suas obras, revelam-nos estar perante um grande pintor e um excelente artista, reconhecido não só em Portugal como internacionalmente.

**Álvaro Lobato de Faria**

Director Coordenador do MAC

Movimento Arte Contemporânea

Lisboa